
RITA LEE, INTELIGENCIA ARTIFICIAL, ÉTICA E POST MORTEM¹

Milene Migliano²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Escola Superior de Propaganda e Marketing/São Paulo

RESUMO

Em sua carreira artística, Rita Lee sempre esteve transgredindo limites e padrões, poéticos, estéticos e políticos. Em seu post mortem, seu perfil no Instagram tem apresentado conteúdo, tanto de recriação, como a da capa de álbum utilizando inteligência artificial, como de publicização, de música e videoclipe gravados, antes de partir. Depois do episódio de produção de propaganda publicitária com a utilização da imagem de Elis Regina, autorizada pelos filhos, João Lee recriou a voz da mãe, Rita Lee, a partir de extensa matéria prima ao seu dispor: é hora de propor criticamente uma ética da IA na criação e circulação da música brasileira?

PALAVRAS-CHAVE

Rita Lee, Inteligência Artificial, Ética.

CORPO DO TEXTO

Em sua carreira artística, Rita Lee sempre esteve transgredindo limites e padrões. Cantora, compositora, artista que ao longo de sua carreira foi se reinventando e instaurando práticas e gestos de quebra da manutenção das definições e determinações, Rita Lee escreveu duas biografias, “Uma autobiografia” (2016) e “Outra biografia” (2023), textos que ao serem lidos, tem o encantamento de nos tornar aliadas aos movimentos vividos por ela, que se conectam com nosso imaginário cultural da cidade de São Paulo. Entre a Vila Mariana e a mudança para outros bairros e depois para territórios mais afastados, Rita compartilha em suas narrativas, experiências que nos fortalecem, enquanto mulheres, que enfrentamos nossos desejos, violências e criações.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado no Simpósio Rita Lee e mulheridades no rock e no pop: urbanidade, poesia e tecnicidade, organizado pelo GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas.

² Pesquisadora do Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero, em comunicação e consumo no PPGCOM/ESPM-SP e do Grupo de Estudos em Experiência Estética: Comunicação e Artes, no CAHL – UFRB.

No livro “Outra biografia”, lançado depois de seu falecimento, apesar de ter sido anunciado como uma publicação próxima por ela ainda em vida, a narrativa rasga a perspectiva de representação do diário ao situar o que o corpo de mulher, idosa, em tratamento, vivia no enfrentamento à doença que encerrou sua existência em terra. O livro é uma fabulação e desvelamento muito potentes sobre algo que iremos todas, de um modo ou de outro, enfrentar, se já não nos deparamos com a situação: um gesto digno de Rita Lee.

Em seu *post mortem*³, o perfil no Instagram @ritalee_oficial tem apresentado periodicamente conteúdos, como a recriação de capa de álbum utilizando inteligência artificial, novidades musicais e videoclipe gravados, antes de partir. Depois do episódio de produção e utilização da imagem de Elis Regina, autorizada pelos filhos, Maria Rita contracenou com a sua mãe cantora falecida em uma Kombi, em 2023. Recentemente, no início de 2024, João Lee recriou a voz da mãe, Rita Lee, a partir de extensa matéria prima ao seu dispor: é hora de propor criticamente uma ética da IA na criação e circulação musical?

A inteligência artificial (IA) é um campo da ciência da computação que visa desenvolver sistemas capazes de executar tarefas que, normalmente, requerem inteligência humana. A ideia central por trás da IA é permitir que máquinas ajam de maneira ‘racional’, assim como seres humanos, e tomem decisões baseadas em dados, aprendizado e experiências passadas. É o processo criativo que João Lee utilizou para recriar a voz da mãe, Rita Lee.

Retomando, entre as formas mais conhecidas de usabilidade da IA, temos hoje o processamento de linguagem natural, que permite que as máquinas compreendam o contexto e a semântica das palavras em textos, a aprendizagem de máquina, que possibilita a recomendação de músicas e filmes para usuários de plataformas de

³ O post mortem enquanto performance é tematizado em dois vieses na dissertação de mestrado de Thiago Henrique Ribeiro dos Santos. “Tal como os vermes comendo o cadáver, responsáveis por impingir a dimensão de vida à morte, e sendo as audiovisuais as materialidades que formam o corpo da performance post mortem, seriam as reações afetivas a esse corpo, manifestadas através de likes, dislikes e comentários nos vídeos, os vermes responsáveis por mantê-lo vivo? Nas audiovisuais de HDP, há comentários dos mais antigos, à data de upload dos vídeos, a alguns tão recentes que datam dos momentos em que este texto toma forma. Ou seja, seis anos após sua morte física, continua-se interagindo com tais audiovisuais, sendo elas consumidas e motivos de vinculações afetivas. Não apenas isso, também são feitos uploads contínuos (os últimos em 2019) de vídeos em sua homenagem e registros de apresentações. (...) Trataria-se, portanto, de uma vida que não se encerrou na morte, transgredindo-a? (SANTOS, 2020, p. 110.) No artigo final, tal discussão será retomada e problematizada diante das mulheridades acionadas por Rita Lee.

streaming, e a aprendizagem profunda, que permite uma compreensão profunda das redes complexas de dados; estas são as competências da inteligência artificial mais difundidas. Como uma nova tecnologia, a IA gera muitas expectativas, demanda aprendizagem de seus usos – como realizar um *prompt*⁴, por exemplo - e usabilidades. As experimentações das tecnologias disponíveis propiciam que diversas aplicações da IA estejam sendo utilizadas em produções, da criação à distribuição, nas mídias sonoras e audiovisuais.

Esta foi a discussão central do III Seminário Quebras e Dobras do Urbano: Artificialidades Inteligência artificial e culturas urbanas, com as professoras Rose de Melo Rocha (ESPM-SP), Adriana Amaral (UNIP) e Elen Nas (IEA- USP). A dimensão ética do uso da inteligência artificial foi amplamente debatida, refazendo as possibilidades e oportunidades da pauta.

A IA generativa já produz imagens em movimento que podem ser utilizadas para coberturas de notícias, como para as mídias sonoras a IA produz trilhas, música, recriação de vozes. Com os processos criativos de *deep fake*, é possível encenar performances de pessoas públicas, cenas que podem chegar aos telejornais por meio da prática do jornalismo participativo, e um desafio se torna avaliar se as imagens consumidas podem ser criações de inteligência artificial. Ao inserirmos a IA em nossa vida e prática comunicacional, é preciso pensar seus limites, nos diversos campos; A Carta de Paris sobre Jornalismo e Inteligência Artificial é um destes esforços.

Na Carta de Paris sobre a IA e o jornalismo encontra-se uma série de recomendações para que a inteligência artificial seja utilizada no campo de forma transparente, justa e responsável, num ambiente editorial que defenda fortemente a ética do jornalismo. O uso e o desenvolvimento de sistemas de IA no jornalismo devem respeitar os valores fundadores da ética jornalística, incluindo veracidade, precisão, justiça, imparcialidade, independência, não-dano, não-discriminação, responsabilidade, respeito à privacidade e ao sigilo das fontes.

A carta também deixa evidente a demanda de monitoramento contínuo⁵ e circunscrito das IAs, bem como a garantia dos espaços de governança e de tomada das

⁴ Prompt é como se chama a programação da agência da Inteligência Artificial.

⁵ A professora Regina Zandomênicco exemplifica tal demanda ao discutir as potencialidades da IA produção jornalística. “A agilidade da interpretação de dados e na redação tem sido uma característica evidenciada na aplicação de Inteligências Artificiais no Jornalismo. Oliveira (2016) avalia, entretanto, que uma IA ainda não tem capacidade de

decisões ocupados por pessoas em capacidades, competências e condições de realizar o trabalho. Na carta há a exigência de que todos os programas de inteligência artificial usados pela mídia sejam catalogados e experimentados por jornalistas antes de aprovado o uso em seus veículos para garantia de que suas programações estão de acordo com a ética social vigente. A inteligência artificial pode ser acrescentada nas rotinas da produção jornalística em tempos de multiplataforma, inclusive como modo de revelar à sociedade as formas nas quais as IAs intervêm nos processos comunicacionais e na construção da agenda informativa de alguns meios.

Na mídia, no jornalismo cultura e de variedades, por sua potência criativa e capacidade de seus inventariantes em respeitar sua personalidade, Rita Lee tem protagonizado outros eventos relacionados com a produção de IA, como por exemplo, o lançamento⁶ de uma segunda edição da capa do famoso disco “Rita Lee e Roberto de Carvalho”, conhecido como “Flagra” (1982).



Imagem 01: Reprodução postagem do Instagram @ritalee_oficial apud Revista Rolling Stone.

aprofundar as informações da notícia. Por consequência, essa deficiência prejudica a aquisição do conhecimento que o Jornalismo viabiliza. Um exemplo prático é o caso do terremoto veiculado em primeira mão pelo *Los Angeles Times*, em 17 de março de 2014. Após a divulgação, feita por meio de um texto redigido pela IA do veículo, os repórteres atualizaram a informação 71 vezes nas seis horas seguintes à primeira veiculação. Informações colhidas com fontes especializadas e observações *in loco* da catástrofe só foram possíveis por meio da atuação dos repórteres. A revelação foi feita pelo jornalista e programador Ken Schwenckedo do *Los Angeles Times*, em entrevista para o site de tecnologia, política e negócios *Slate – embroiled in wonky debates*, em março de 2014 (OREMOS, 2014). (ZANDOMENICO, 2022, p. 31)

⁶ Publicação em <https://rollingstone.uol.com.br/musica/rita-lee-capa-de-flagra-e-estendida-com-uso-de-ia/>, acesso em 28/04/2024.

Na postagem do Instagram, o texto que acompanha a imagem, enuncia: "O futuro revelando o passado. Utilizando inteligência artificial, expandimos a capa de *Flagra*, 1982, desvendando uma perspectiva antes não existente!". A criação do perfil de Rita Lee desvelou um extracampo, um fora de campo que também é fora de realidade, fora do tempo em que foi produzida, porém, passível de estar nesse lugar.

A inteligência artificial produz uma fissura na experiência social compartilhada.

É neste ponto que precisamos pensar os usos da Inteligência Artificial na produção artística musical, na indústria do entretenimento. É isso que foi reivindicado como lealdade à memória de Elis Regina, ao ter sua imagem associada à propaganda de um veículo da Volkswagen. Como uma das indústrias aliadas do milagre econômico e, portanto, ao poder em exercício naquele tempo, a ditadura militar brasileira, é inimaginável para quem Elis Regina era, enquanto uma contestadora do regime, aceitar associar sua imagem à da marca automotiva. Ao fazê-lo, imaginá-la (associação), pensá-la, autorizá-la e disponibilizá-la em rede nacional de circulação de audiovisualidades, a ética do direito de imagem de Elis Regina foi traída, expropriada de seu caráter crítico e da condição histórica alarmante em que tais fatos se sucederam: não se pode esquecer o golpe de 1964.

(...) entender a dimensão em essência política do que nos é dado a ver, via a profusão de imagens visuais, e, o que particularmente interessa ressaltar, leva-nos a questionar aquelas que, ao nos afetarem, efetivamente aumentam ou diminuem nossa competência corpórea-cognitiva de ação. (ROCHA, 2010, p.200)

Ao debater a ética das imagens em sua potência de afetos diante de nós, Rocha aponta uma perspectiva que nos permite formular que o apagamento da vida engajada contra a ditadura da juventude de Elis Regina diminui a nossa “competência corpórea-cognitiva de ação” neste contexto coetâneo. Ao nos destituir da memória das sublevações artísticas da classe que enfrentou a ditadura e todo o conservadorismo que a amparava, nos esvaziamos do sentido crítico do mundo, e da possibilidade de transformá-lo em uma gestualidade eticamente informada, para o melhor para a coletividade social. Instituir a cessão dessa tomada de direitos, dessa desposseção, é imprescindível para nossa constituição ética, estética e política, na cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- LEE, Rita. **Rita Lee - Uma autobiografia**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2016.
- LEE, Rita. **Rita Lee - Outra biografia**. São Paulo: Globo Edições, 2023.
- ROCHA, Rose de Melo. “Políticas de visibilidade como fatos de afecção: Que ética para as visualidades?”. **Famecos**, v. 17, n. 3, 2010, p. 199-206.
- SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos. **“Deixe-me ser teu templo de promiscuidade”: consumo escópico do excesso nas performance-vida e performance post mortem de Hija de Perra**. 2020. Dissertação [Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo] – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, ESPM-SP, São Paulo, 2020.
- ZANDOMÊNICO, Regina. Inteligência Artificial e Jornalismo: implicações nas redações de notícias e na produção de conhecimento. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**. Ponta Grossa. V. 9, 2022.